

SABERES TRADICIONAIS DE BARREIRINHA/AM E COMUNICAÇÃO POPULAR: HISTÓRIAS, NARRATIVAS E IDENTIDADE CULTURAL

Rodrigo da Silva Pinheiro¹⁸⁵

Brena de Moraes Pereira¹⁸⁶

Adelson da Costa Fernando¹⁸⁷

RESUMO: O presente estudo visa mostrar os fluxos comunicacionais da preservação dos saberes tradicionais e populares do Povo de Barreirinha/Am, a partir de um olhar folkcomunicação da teoria de Luiz Beltrão. Utilizando-se como tectura metodológica, realizou-se uma pesquisa de campo, de cunho participativo, que se valeu de relatos orais das pessoas mais antigas atuantes nesse ramo e seus descendentes, descrevendo e observando os acontecimentos e fatos durante o ano de 2020, no isolamento social. A partir da análise dos relatos orais, constatou-se que os indivíduos pesquisados utilizam uma comunicação específica no qual denominam de “dom” ou “saberes tradicionais”, utilizando como instrumentos a puxação, a benção, as crenças, as festas, os remédios com ervas medicinais, as histórias. Estes conhecimentos permaneceram ocultos e negados durante muito tempo e que só agora na pandemia estão ganhando visibilidade, destarte, a Teoria da Folkcomunicação pode contribuir de forma relevante no protagonismo dos “povos arirambas”.

Palavras-chaves: Saberes tradicionais; Folkcomunicação; Comunicação popular; Barreirinha/AM

1 Introdução

O município de Barreirinha está localizado no Baixo Amazonas, onde seus habitantes se chamam barreirinhenses ou “povo ariramba”¹⁸⁸ (em referência a uma ave muito comum e rara que habita aquelas barrancas). O município tem uma grande área preservada de mata intacta e territórios indígenas protegido por lei. Seu tamanho se estende por 5750,6 km² e conta com 32041 habitantes segundo o último censo do IBGE, cuja densidade demográfica é de 5,6 habitantes por km² no território do município¹⁸⁹.

A cidade está situada a 41 km Sul-Oeste de Parintins, sendo considerada a maior dos arredores da ilha do boi-bumbá. Apesar de ser uma cidade pequena, apresenta um povo acolhedor,

¹⁸⁵ Licenciado em Educação Física, pela Universidade Federal do Amazonas; Discente do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM/ICSEZ; Especialista em Direito Constitucional pela Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR. E-mail: hiphopatos29@gmail.com.

¹⁸⁶ Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM/ICSEZ; Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR. E-mail: moraesbrena@gmail.com.

¹⁸⁷ Doutor em Sociologia da Religião PUC GO; Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo ICSEZ/UFAM e Diretor Regional/Norte da Rede Folkcom. E-mail: acostaf@ufam.edu.br.

¹⁸⁸ Por fontes orais acredita-se que seria a denominação dada pelos índios mura durante sua passagem pela região por haver tantas aves Ariramba morando naquele lugar e a população ser uma comunidade pescadora, cujo o nome seria referência de uma ave da Ordem Galbuliformes, família dos Galbulídeos, medindo cerca de 20cm comprimento, de bico longo e fino, sendo também chamada de: bico-de-agulha-rabo-vermelho, bico-de-sovela, beija-flor-d'água, ariramba-da-mata-virgem, ariramba-de-cauda-ruiva. Ver mais em: <https://www.dicio.com.br/ariramba/>.

¹⁸⁹ Informação disponível no site: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-barrerinha.html>.

alegre, criativo, religioso, simples e cheio de curiosidades, especialmente nas características de suas formas comunicacionais e na preservação do uso da medicina natural para a saúde, formado em sua maioria por descendentes de indígenas, negros, orientais e brancos.

Tais conhecimentos populares instigaram em querer mostrar um pouco mais sobre os saberes desse povo, como forma de conhecer e dialogar com a folkcomunicação, sem interferir na essência dessas características. Ressalta-se a importância dos valores culturais, assim como o respeito pela linguagem, crença, saberes e a medicina popular em termos de curiosidades da região.

Nada melhor do que a teoria da Folkcomunicação para tecer esse diálogo, pois, segundo Silva (2004, p. 9), “a valorização do pluralismo, do acesso ao conhecimento de diferentes teorias, métodos, experiências e pontos de vista transformou-se em base do processo educacional”. Isso significa que esses saberes, que muitas vezes estão sendo marginalizados, precisam fazer parte da comunidade acadêmica e das escolas, para que sejam entendidos e respeitados, se tornando grandes aliados no combate ao preconceito da sociedade e sua visão em relação a esses povos tradicionais.

Essa teoria foi escolhida não por acaso, destarte, permitirá saber como se deu o processo do nascimento e as raízes do conhecimento desse povo, associado ao seu comportamento social e comunicacional (AMPHILO, 2011), seu universo “folk”, rico em saberes de uma população que sobrevive aos percalços do avanço tecnológico da globalização, do consumismo e da marginalização.

Neste sentido, este trabalho quer mostrar os desafios enfrentados pela população Barreirinhense na busca pela valorização de seus saberes populares. Daí surge o nosso problema: De que forma tanto os sujeitos já instruídos nas Universidades quanto aqueles que até mesmo desconhecem sobre tais saberes medicinais (desses grupos marginalizados), veem esses populares e suas práticas, fundamentadas numa perspectiva folkcomunicacional?

Para isso, construiu-se uma pesquisa de campo, participante, que segundo Gil (2002), é caracterizada pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Haja vista, a pesquisa participante permite olhar a pesquisa pelos dois olhares, ciência popular e ciência dominante, no qual a primeira vem a ser foco desta pesquisa, permite analisar o conhecimento, derivado do senso comum, que admiti ao homem inventar, trabalhar e interpretar a realidade a partir dos recursos que a mãe natureza lhe oferece. “[...] a pesquisa participante mostra-se bastante comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado sobretudo para a investigação junto a grupos desfavorecidos, tais como os constituídos por operários, camponeses, índios etc. (GIL, 2002, p.56).

O referencial teórico desta pesquisa sustenta-se na teoria da Folkcomunicação, cuja origem foi na obra do jornalista Luiz Beltrão, com seus estudos sobre a comunicação popular



redefolkcom



como um fenômeno próprio de um grupo marginalizado e excluído da sociedade. Este grupo atua como retransmissor e decodificador de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação em massa, caso a TV, o rádio, jornais, literatura de cordel, repentes, histórias, lendas, contos, grafite, tradições populares, festas, crenças, etc., (BELTRÃO, 2001). Essas mensagens não são só passadas pela tradição oral ou escrita, mas também interpretam e ressignificam de acordo com suas realidades, assim ganhando um novo formato de linguagem popular presente na essência de determinado grupo social (MARQUES DE MELO, 2008). A Folkcomunicação é fruto dessa interação comunicacional e cultural dos agentes diretos e indiretos participantes do folclore brasileiro, que trazem em seus traços a linguagem e suas mensagens preservadas em seus saberes (BELTRÃO, 2001)

Nos procedimentos metodológicos, valeu-se da história oral, por meio relatos, histórias, contos e lendas, das pessoas mais antigas atuantes nesse ramo e seus descendentes, descrevendo e observando os acontecimentos e fatos durante o ano de 2020, no isolamento social. Para Gattaz; Meihy; Seawright (2019) a história oral funciona como uma metodologia utilizada para se obter informações do imaginário que são previstas, e que surpreendem e desestabilizam até mesmo nós pesquisadores, materializando essas informações em documentos, para compor “corpus documentais”, valorizando as narrativas populares que lutam na preservação da cultura de determinado povo, por meio da preservação da memória rica de seus antepassados, passados de geração a geração pela oralidade. A história oral busca justamente dar voz aos excluídos e marginalizados.

A catalogação dos dados teve como fontes orais, alguns moradores da região de Barreirinha Amazonas que trabalham com a medicina tradicional popular com plantas e ervas da Amazônia, puxadoras, benzedeiras, pescadores, moradores ribeirinhos, moradores da cidade. E as análises a partir de livros e artigos em pdf, dissertações, teses, entre outras, como fonte de embasamento e discussão da pesquisa a partir da Folkcomunicação, tais como: AMPHILO (2011), BELTRÃO (1980, 2001), MARQUES DE MELO (2006, 2008), RIO DE JANEIRO (2007).

Para a realização da pesquisa, fez-se necessário fazer um estudo participante, convivendo ativamente no grupo social e participando de seus afazeres em suas tarefas e rotinas diárias no período de 6 meses do isolamento social. Conforme explicita Gil (2002), esse tipo de pesquisa tem como procedimento metodológico tentar descobrir as diferenças sociais de determinado povo, as posições desses grupos e também os conflitos existentes. Por isso este tipo de pesquisa participante vem ser a ideal para identificar o que fazem e quem são esses sujeitos protagonistas de inúmeros saberes que ainda são desconhecidos pela sociedade brasileira.

Antes de iniciar a entrevista foi informado a finalidade do estudo, com seus objetivos, fazendo a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Solicitando a assinatura dos entrevistados, se caso concordasse participar da entrevista. As entrevistas, juntos a observação participante representam instrumentos importantes na coleta dos relatos dos moradores (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Foram utilizados, os princípios da Folkcomunicação, da identidade social e cultural dos indivíduos, junto a troca de valores existentes como expressão de suas ideias passadas de geração a geração. Esses princípios se fundamentam nos trabalhos de Luiz Beltrão e José Marques de Melo.

Transitou-se pelo universo das histórias, dos contos, modos de vida, convívio, comunicação, experiências do povo “ariramba”, de modo a corresponder ao objetivo da pesquisa, dando embasamento teórico para o corpo deste trabalho. Considerou-se para elaboração deste trabalho os trabalhos a sabedoria popular no uso da medicina tradicional.

2 Desenvolvimento

2.1 Breve história do município de Barreirinha/AM

Nos estados federativos do Brasil, a maioria das cidades e capitais nasceram por meio das igrejas, pelo processo de colonização. No Baixo Amazonas, não foi diferente com Barreirinha, por ter em grande parte adeptos do catolicismo apostólico romano.

Em meados de 1830 surge a cidade de Barreirinha, por meio de um povoado da Missão Andirá, criada pelo capuchinho Pedro Cariana, em 1848, correspondendo a Província do Pará e a Comarca do Alto Amazonas. O jesuíta Manuel Justino de Seixas, constrói um dos primeiros monumentos históricos da cidade que seria a capela de Nossa Senhora do Bom Socorro, em 1851, que é hoje um dos principais cartões postais¹⁹⁰.

No que tange a sua formação administrativa, a cidade já recebeu várias denominações, como Distrito de Nossa Senhora do Bom Socorro de Andirá, Vila Nova de Barreirinha pela Resolução n.º 14, de 17 de novembro de 1853. Mais tarde, impulsionado pela Lei n.º 263, de 13 de maio de 1873, transferiu o distrito de Nossa Senhora do Bom Socorro de Andirá para o lugar de Vila Nova de Barreirinha. Sua elevação à categoria de vila se deu com a denominação de Barreirinha, que ocorreu pela Lei n.º 539, de 09-06-1881, sendo um marco importante na autonomia, desmembrando-se de Parintins, algo que iria retroceder novamente mais tarde¹⁹¹.

¹⁹⁰ Disponível em: <http://novo.cnm.org.br/v4/v11/municipio/historia.asp>.

¹⁹¹ Informação extraída do site: <http://d.emtempo.com.br/cultura/108065/historia-de-barreirinha-princesinha-do-andira-completa-137-anos>.

A sede no atual distrito de Barreirinha foi instalada em 07 de setembro de 1883, tendo alteração no ano de 1911, em divisão administrativa, onde é constituída do distrito sede da ex-Nova de Barreirinhas, assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 01 de setembro de 1920. O município nesta época teve grande ascensão econômica, sendo bastante ativo na produção agrícola. Fruto das mãos ribeirinhas que habitavam os beiradões da princesinha do paraná do Ramos.

Por questões políticas que tangiam a época, o município foi reduzido novamente a Delegacia municipal, anexando ao município de Parintins como simples distrito, pelo Ato n.º 45, de 28 de novembro de 1930 e confirmado pelo Ato n.º 33, de 14 de setembro de 1931. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Barreirinhas esteve anexo ao município de Parintins. Com a reconstitucionalização do Estado, em 1935, Barreirinha voltou à categoria de vila autônoma novamente.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro 1937, a vila é constituída do distrito sede, elevando-se à categoria de cidade com a denominação de Barreirinha, pela Lei Estadual n.º 68, de 31 de março de 1938. A partir disso foram criados pelo Decreto-lei Estadual n.º 176, de 01 de dezembro de 1938, os distritos de Ariaú, Freguesia do Andirá e Pedras e anexado ao município de Barreirinha, permanecendo em divisão territorial até em 01 de julho de 1955. A cidade passou por uma grande enchente no ano de 1953, fatos estes registrados por lentes fotográficas, mostrando que a cidade ficou totalmente submersa nas águas¹⁹².

Na década de 50 também já era possível ouvir o rufar dos tambores do boi bumbá, impulsionado pelos moradores ilustres da cidade, onde tinham em Parintins uma fonte de conhecimento a se beber. Por meio da lei municipal n.º 42, de 24 de novembro 1956, foi criado o distrito de Ponta Alegre, sendo considerado na época um ex-povoado, com território desmembrado do distrito de Ariaú e anexado ao município de Barreirinha, atualizando sua divisão territorial datada de 01 de julho de 1960 com os distritos de, Barreirinha, Ariaú, Freguesia do Andirá, Pedras e Ponta Alegre.

Porém, talvez por um descaso governamental da época, o distrito de Ponta Alegre deixou de figurar no município de Barreirinha por não ter sido ratificada pela Assembleia Legislativa do Estado, sendo seu território apenas anexado ao município de Barreirinha, ficando com a divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1968, ficando apenas com os 4 distritos: Barreirinha, Ariaú, Freguesia do Andirá e Pedras. Permanecendo com essa divisão territorial até em 01 de janeiro 1979.

¹⁹² Informações compiladas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2017, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/barreirinha/historico>.

Em 10 de dezembro de 1981, pela emenda Constitucional n.º 12, delimitado pelo decreto Estadual n.º 6.158, de 25 de fevereiro de 1982, foi criado o distrito de Cametá do Ramos e anexado ao município de Barreirinha Amazonas. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído de 5 distritos: Barreirinha, Ariaú, Cametá, Freguesia do Andirá e Pedras. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009, até a atualidade¹⁹³.

Devido aos poucos registros da história da cidade, por falta de bibliografias referente ao tema, os fatos anteriores foram narrados alinhados aos registros de documentos online do IBGE (2017). A seguir trazemos um pouco da especificidade cultural do povo de Barreirinha Amazonas.

2.2 Histórias de barreirinhenses e Saberes populares

As histórias contadas pelo povo barreirinhense são geralmente transmitidas oralmente pelos moradores mais antigos da região, por meio de suas experiências de vida e vivências naquele lugar. Quando pequenas, as crianças do interior e também da cidade costumam sentar-se ao redor da mesa, depois da janta ou na hora antes de ir dormir, para seus avós, tios ou pais, contar histórias de visagens, encantados, protetores da mata e também aventuras e peripécias de seus antepassados. A cultura popular aqui se reproduz pela história oral, por formas artesanais de comunicação, onde a geração dos adultos transmite a tradição, os costumes, as regras, a visão simbólica de mundo e a sacralização do lugar e das formas de vida.

As histórias, lendas e contos acabam retratando ao fundo a riqueza dos detalhes da criação daquele local, sendo documentado por meio da história oral passada de pai para filho e de filho para seus descendentes. As falas destes moradores servem como um documento preciso cheio de “certezas” e “verdades”, que buscam resgatar a memória daquele lugar, com informações precisas (SOUZA, 2013): a história do “homem da calça molhada”, percebendo mecanismos folkcomunicacionais em tais narrativas, as crianças ouviam à noite seus pais contarem sobre uma certa visagem que vaga na madrugada pela cidade, com suas botas encharcadas de água vigiando as ruas, para que ninguém saia de suas casas e fique perambulando por ela. Esta lenda serve, ao nível da comunicação popular, como uma forma de chamar atenção das crianças, jovens e adultos, sobre o perigo de se andar altas horas na rua, pois esse horário é destinado ao descanso das pessoas e a noite há inúmeros fatores que podem prejudicar essas crianças.

¹⁹³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2017, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/barreirinha/historico>.

Segundo Barros (2013)¹⁹⁴, por meio do processo de contar, ler, ouvir as narrativas, os mais velhos estão possibilitando o acesso das gerações mais jovens à compreensão do tempo e da realidade no qual estão inseridos, contribuindo para a formação primordial da identidade cultural deste indivíduo, através da agregação de valores transmitidos de pai para filho. Conhecer a sua realidade e mundo no qual está inserido é fundamental para que se crie laços culturais fortalecidos, para que futuramente possa perpetuar tais conhecimentos de bens simbólicos.

Deste modo, nas histórias narradas de visagens, que são assombrações que vagam a noite ou pelo dia na busca de se redimir de seus pecados, as crianças e jovens se veem desafiados pelo medo, principalmente quando vai chegando à calada da noite, a partir das dezoito horas em ponto. No interior apagam-se as lamparinas e todo mundo se agasalha nas redes para ouvir o ancião avô mais velho contar sobre os espíritos que vagam assustando, guarneendo ou até mesmo batendo e expulsando invasores, caçadores e pessoas melindrosas. Isso mostra o quanto se deve valorizar e respeitar a nossa vivência e a cultura daquele lugar, pois ali habita algo que vai além da compreensão daqueles moradores, que aprenderam a respeitar a partir de suas convivências com a natureza.

No âmbito do sistema de comunicação desses povos tradicionais há várias variáveis que precisam ser levadas em conta além do imaginário popular, como “o sistema de representações simbólicas e as práticas culturais, a valorização dos bens simbólicos, além do habitus, modus operandi e modus vivendi e o ethos social de determinada comunidade” (AMPHILO, 2011, p.12). As “histórias” do povo barreirinhense não querem só comunicar algo, mas sim trazer verdadeiros ensinamentos que partem da teórica e transcendem a prática, no modo como vivem as famílias e como se comportam.

Por isso as histórias de cobra-grande, cobra norato (cobra-cega), jiboia gigante, tapiiraiuwara, boto encantado, guardiões encantados do fundo do rio, jacaré gigante, monstros do fundo do rio, cavalo-marinho, sereias iara mãe d’água, que os mais velhos sempre contam nos momentos de descanso, quando chegam da pesca dos lagos, da roça, do trabalho, é fundamental para que as crianças cresçam com o respeito e a responsabilidade de cuidar dos rios e seus seres vivos. Serve como um alerta para o consumo não exagerado da biodiversidade de riquezas dos rios, mantendo preservado e a salvo da ambição do homem que só busca depredar e acabar com as riquezas naturais.

A teoria da folkcomunicação tem um papel muito importante em meio as questões de cuidado com o meio ambiente e suas riquezas culturais de sua população, funcionando como

¹⁹⁴ Para Saber mais sobre o assunto, veja em: BARROS, Fabiano Tertuliano de. **A humanização dos mitos e lendas amazônicas na dramaturgia amazônica**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, Porto Velho/RO, 2013.

uma alavanca para reflexão das pessoas que não conhecem ou até mesmo nunca ouviram falar das especificidades e riquezas desse lugar, pois devem ser repensados os seus modos de agir, pensar e sentir desses grupos ou nações que estão passando pela crise pandêmica, influenciando em suas práticas de um novo bem-viver para o mundo (RIO DE JANEIRO, 2007). A tarefa de cuidar desses saberes não se limita apenas aos moradores da região, mas também se pulveriza a partir do momento que o indivíduo cria uma identidade coletiva em prol ao bem comum da humanidade. Tarefa esta que é passada pela comunicação.

Na chamativa das florestas, as histórias narram peripécias e aventuras dos caçadores antigos da região, que fugiam das onças, do Juma, Mapinguarí, Curupira, Visagens, Mãe-da-Mata, Jiboias Gigantes¹⁹⁵, entre outros. Muitas das vezes eram capturadas de surpresas e chegavam a escapar da morte por um triz. Tais contos são narrados com muita serenidade e respeito pelos moradores, pois andar pela floresta não é uma tarefa fácil, exigindo coragem, conhecimento e respeito pela mata e seus guardiões, pois muitos mistérios rondam o lugar, que além de haver suas belezas naturais, atraem e encham os olhos daqueles vislumbram o sobrenatural.

Entre um conto e outro, a gênese e a riqueza cultural que se forma o lugar e seu povo se desenha. Em meio a tanta riqueza natural, surge também um apelo desses populares que clamam pela valorização e preservação de seus saberes, pois a marginalização de seus conhecimentos, negação de suas falas e o silenciamento de suas vozes, transformam seus saberes em simples “lendas e histórias de pescador”, deixadas a margem pelas novas gerações que incorporam identidades e valores criados pelo consumismo e da moda. Desta maneira, o arrefecimento desses males pede a solidariedade de todo o povo, e surpreende que se confie a emissão de mensagens, que se aspira construtivas de unidade de propósitos; aqui a comunicação é a chave para a conscientização e o respeito por um tesouro desconhecido por muitos, mas que agora é coletivo.

2.3 Saberes Populares barreirinhenses e Medicina Tradicional

Falamos com propriedade de tais saberes pois descendemos destes que fazem de suas dificuldades, caminhos para sobreviver na margem dos excluídos em meio a uma pandemia. Antes mesmo de haver a medicina alternativa científica disponível para a população, já havia neste lugar a medicina tradicional que expressa a identidade do povo barreirinhense.

Há mais de mil anos atrás, o povo deste lugar já possuía seus próprios costumes, suas leis, seu modo de viver, de cuidado dos seus enfermos, de lidar com as doenças que rondavam seu

¹⁹⁵ Personagens que fazem parte do Folclore Amazônico, das histórias contadas na literatura ou de forma oral pelos moradores da região. Para saber mais sobre assunto, veja em: <https://portalamazonia.com/cultura/conhcea-as-lendas-da-amazonia-que-mexem-com-imaginario-popular>.

povo e as dificuldades de acessibilidade, por meio da medicina tradicional. Tais experiências fizeram brotar um conhecimento de medicina segura e específica do lugar e da região, utilizando matéria prima da própria natureza para fabricar seus próprios remédios, como plantas medicinais, chás, casca de árvores, folhas, animais, água do rio, a terra e o barro, entre outros.

Com o avanço tecnológico desenfreado por meio do consumismo, crescimento populacional desordenado e a devastação da natureza, esses saberes começam a ser negados e removidos, como projeto de substituição por uma cultura elitista e preconceituosa, onde o conhecimento do ribeirinho é visto como marginalizado, atrasado e tosco. Porém isso precisa ser discutido e repensado, pois esses saberes precisam ser resgatados e valorizados pelas instâncias do governo, povo, elite e massa. Não é só a medicina que está sendo excluída e ignorada nesse processo, temos também a arte, as crenças, os ritos, os costumes dessa camada popular marginalizada, em toda sua virtude de força e verdade, impossibilitando a comunicação e a comunhão entre as instâncias sociais (RIO DE JANEIRO, 2007).

Nas inúmeras manifestações populares como partos, benzições, puxações, chás e banhos feitos por dona Bita ou Biní, como é carinhosamente conhecida na cidade (uma das benzedadeiras, puxadoras e parteiras mais antigas do lugar, aliás legado passado de geração a geração), tais conhecimentos são transmitidos de pai para filho, que agem através da experiência e dos conhecimentos dos meios utilizados na medicina tradicional. Os moradores que moram em comunidades distantes se deslocam em suas canoas ou bajaranas¹⁹⁶ para tratar suas enfermidades, suas “faltas de sorte no amor, no jogo, no trabalho e na pesca”, assim também como um sábio conselho da grande anciã. A confiança e o respeito dos moradores, a essas lideranças da medicina tradicional, é algo que precisa ser observado e levado em conta pelas Universidades na formação dos futuros profissionais da área do direito, saúde e educação, os quais irão se tornar protagonistas e atuar naquele lugar.

A “massagem” tem um papel vital nos cuidados com a saúde, sendo uma das mais antigas terapias do mundo e foi bastante popular entre os Gregos e Romanos, porém na Idade Média foi estereotipada pela igreja católica por ser considerada pecado (BENTLEY, 2006). Em Barreirinha este tipo de terapia tem suas especificidades e é conhecida como “puxação¹⁹⁷”, feita por um puxador(a), o qual se compara a um massagista como conhecemos na linguagem formal. Para exercer essa profissão segundo a dona Rose Massagem “é necessário nascer com o dom e conhecer as técnicas passadas de geração a geração”.

¹⁹⁶ Transportes utilizado pelos ribeirinhos como forma de atravessar os rios da região, feito de madeira extraída geralmente do amago da árvore para suporta as ações do vento, chuva, sol e da água com seus banzeiros.

¹⁹⁷ Termo específico utilizado para fazer terapia no corpo das pessoas utilizando as mãos para massagear ou colocar no lugar os ossos, ou até mesmo um bebê no ventre da mãe que está mal posicionado.

A líder folk Dona Rose ou “Rose Massagem”, como é conhecida, é filha e neta de puxadores, nascida e criada no interior da cidade de Barreirinha/AM, viu na necessidade e na falta de acesso a questão de atendimento a saúde, a oportunidade de ajudar as pessoas carentes por meio de seu “dom”. Na pandemia não foi diferente, mesmo sobre o risco de contaminação, a mesma se deslocava de rabeta e canoa para atender os populares da cidade e do interior, como prova de coragem, determinação e amor ao próximo.

O Amazonas é um estado rodeado por rios, lagos e matas, tornando um pouco difícil o acesso as comunidades ribeirinhas e seus municípios pólos. Isso influi bastante na questão de acessibilidade a políticas públicas emergentes, como é caso da saúde. Porém, isso é um problema que não é novo para os moradores, destarte, faz parte de um livro de descaso e esquecimento dos nortistas ao longo de décadas, pois fariam parte, segundo a teoria da Folkcomunicação, das classes subalternas ou dos grupos marginalizados pelo sistema estruturado (MELO, 2006)¹⁹⁸.

No que consiste aos conhecimentos da benção¹⁹⁹, dona Bitá afirma que “é preciso alcançar uma certa idade da vida para fazer a junção desses dons, mas há casos que isso se manifesta bem cedo”. Segundo a moradora, a partir dos 50 anos já é possível que isto se manifeste nas pessoas ditas **médias ou médium**²⁰⁰, um comparativo na linguagem regional para pessoas puras, sensíveis, amorosas, capazes de enxergar coisas que passam despercebidas no mundo, onde faz-se a junção de todos os “dons”, no qual deverá ser utilizado em prol ao bem do seu povo.

“Com o tempo vêm a experiência”, diz dona Bitá, para cada etapa da vida vem uma forma de “saber” ou “dom”. Para explicar melhor, utiliza-se a metáfora da Universidade, onde a cada período recebemos determinando tipo de formação norteadada, assim é o conhecimento da medicina popular tradicional barreirinhense, onde o individuo só irá passar a receitar o chá, dar conselhos, fazer a puxação e a benção depois de passar por todas essas etapas de formação familiar passada pelos mais velhos. Xavier & Flôr (2015, p.310)²⁰¹ acreditam que “[...] essas especificidades precisam ser consideradas na prática educacional local que deve, portanto, valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência”.

¹⁹⁸ MELO, José Marques de. Mídia e cidadania no Brasil. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs). **Mídia Cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

¹⁹⁹ Utilização de rezas, orações com palavras de pedido de fé e cura para alguém que está acometido por algum espírito ou mau olhado. Diz-se que o rezador tem que ter energias positivas e/ou espírito puro.

²⁰⁰ Este é um termo proveniente do espiritismo, defendido por Allan Kardec (1804-1869), no qual definia como um individuo que sente em um grau qualquer influência dos espíritos. No caso esses espíritos falados pela dona Bitá, seriam os guias mestres dessa pessoa para o resto de suas vidas, conduzindo-os sempre para o bom caminho.

²⁰¹ XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes populares e educação científica: Um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. Revista Ensaio, Belo Horizonte, v.17, n. 2, p. 308-328, maio-ago., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172015170202>. Acesso em: 24 maio 2021.

Os banhos, para ser feliz na pesca, no amor, no trabalho, nos estudos e na vida, são receitas mais antigas dessas famílias. Muitos são feitos com ervas naturais extraídas da terra, plantadas por mãos de quem conhece e manuseia desde criança. Não é raro você andar nos interiores e na sede de Barreirinha e encontrar um “pé pião roxo”, “galho de arruda”, “cipó-alho”²⁰², entre outras plantas medicinais que encontram nas receitas de dona Bitá.

Porém, todas essas práticas ainda são marginalizadas e perseguidas, muitas das vezes por pessoas que desconhecem ou até mesmo excluem esses saberes e sua importância para aquela população. Mesmo as vezes na informalidade, segregada pela sociedade que se diz elite científica, esses povos resistem e ganham um espaço cada vez maior na atualidade.

Em relação ao trabalho, uso e manuseio de plantas medicinais, o povo mostra um conjunto de conhecimentos que para eles são definidos como “dons”, isso é como se fosse algo divino e sagrado, acreditando no poder das ervas milagrosas. Poucos herdam ou procuram aprender com os pais, avós e pessoas que estão dispostas a reproduzir esses conhecimentos. Os conhecimentos passados por dona Bitá vem também através dos chás e banho para “maus-olhados” e “quebrantos”, onde pais “utilizam o banho com “folhas-fede”²⁰³ para espantar os espíritos maus intencionados vindo de pensamentos negativos para aquela criança”. Já o chá do “hortelãzinho”²⁰⁴ serve para tirar gases do estômago e curar a diarreia e vômito”, causalidades do “quebranto”.

De acordo com os conhecimentos populares dos Barreirinhenses, “assim como existe o mau, existe o bem”; por isso é notório vê uma criança recém-nascida com um fio de rede bem pequeno, na cor vermelha, no centro da testa, para espantar os soluços, e uma pulseira com dente de alho ou uma pimenta malagueta em saquinho bem pequeno, como uma forma de espantar o mau olhar e o quebranto. São mensagens folkcomunicativas que fazem sentido no universo simbólico do caboclo amazônico.

O universo simbólico amazônico é rico e nele se criam formas artesanais e horizontais de veiculação de visões de mundo, de narrativas, de crenças e de costumes: na benção são utilizadas três folhas de “pião roxo”²⁰⁵, “dente de alho”, “cigarro de tauari”²⁰⁶, tabaco, ou uma vela indiana²⁰⁷. Essa benção, segundo dona Bitá, é utilizada para veicular narrativas e fluxos

²⁰² Mansoa alliacea, ou videira do alho, é uma espécie de liana tropical da família Bignoniaceae. Essa planta é nativa de nossa região e funciona no tratamento de feridas da pele com banhos e também para afastar o mau-olhado.

²⁰³ Folhas de plantas que exalam odor e que tem cheiro forte para afastar os maus espíritos.

²⁰⁴ O Poejo, ou Mentha pulegium, é usada desde a antiguidade. Considerada uma planta medicinal, possui usos terapêuticos que vão de tratamentos digestivos ao fortalecimento da saúde respiratória. Ver em: www.mnpropolis.com.br.

²⁰⁵ A Jatropha gossypifolia L. da família da Euphorbiaceae, conhecida popularmente como pião-roxo é utilizada por benzedeiras e curandeiras contra mau olhar, para puxar doentes, descarregar energias negativas, banhos para de limpeza das energias negativas das casas. Ver em: www.greenme.com.br>consumir.

²⁰⁶ Fibra têxtil extraída de alguma dessas árvores, utilizadas para enrolar cigarros. Geralmente utilizado pelos pajés nos rituais para afastar mau olhar, ver em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=G9Gqj>.

²⁰⁷ É um incenso defumador de alta qualidade feito a partir de uma corda impregnada com uma solução de Breu branco e outros ingredientes, ótimos para defumar ambientes, pessoas e objetos. Ver em: www.medicinasagrada.com.br>velaindiana.



redefolkcom



folkcomunicacionais – ou seja, é uma forma de oração para tirar do corpo as energias negativas e preencher com positividade a saúde do mesmo, assim como o “trabalho de puxação”, que também requer muito conhecimento e experiência na área, principalmente com o corpo, onde a puxadora exercesse a ação de um médico ortopedista quando alguém sofre uma contusão ou luxação em um acidente com queda grave e não tem como se deslocar para o hospital nas cidades pólos. Todas essas ações, saberes espirituais, puxações, benzição, chás, histórias, contos e lendas são realizadas pelo instrumento da folkcomunicação; toque, conversa, espiritualidade, fazem parte do folclore amazônico, objeto da Folkcomunicação, que para Beltrão (1980, p. 24) seria “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

3 Considerações finais

Tem pessoas que participam da igreja católica, mas acreditam no poder das benzições, dos banhos, e do espiritismo. Há evangélicos que convivem e têm parentes que participam de outras manifestações religiosas e que estão sempre em contato, seja pelo trabalho ou pelo laço familiar. Esse equilíbrio talvez seja garantido pela comunicação, onde todos se vêm pertencentes a este lugar, rico em diversidades culturais.

A festa de Nossa Senhora do Bom Socorro, que acontece geralmente de 05 a 15 de agosto é uma fonte de observação muito importante para quem deseja saber sobre os ex-votos no pagamento de promessas, sobretudo quando a cheia castiga as roças, algumas doenças assolam famílias, falta empregos ou porque se “ganhou um emprego”, “sorte grande”; resposta do santo protetor. Tal promessa funciona como “meios alternativos para divulgar informações e expressar sua arte, preenchendo as funções dos meios de comunicação tradicionais” (RIO DE JANEIRO, 2007, p.5).

Uma característica muito importante do espiritismo é que os benzedores, que são mulheres e homens, possuem conhecimentos de fé e espirituais deixados pelos europeus e indígenas, que rezam na pessoa enferma de qualquer faixa etária no intuito de proteger e positivar uma cura benéfica. Esses personagens são de fundamental importância, pois eles ajudam na convivência, na crença popular, e principalmente orientam as pessoas na saúde/cura.

Outras manifestações populares de grande relevância na resistência dos povos de Barreirinha/AM é a de São Sebastião da Comunidade do Matupiri e a de São Benedito com festas dos Marujos em Freguesia do Andirá, ambas retratam a luta dos quilombolas pelo reconhecimento de suas terras junto à Justiça ao longo dos tempos (ALBUQUERQUE;

FERREIRA, 2019). Pois, segundo Amphilo (2011, p.8), é “no grupo que o ser humano massificado retoma sua identidade e pode ter sua liberdade de expressão resgatada”.

A necessidade, o desconhecimento, a marginalização, negação e a exclusão fizeram brotar no povo barreirinhense um formato de comunicação própria, simbólica, codificada, que tem veiculado e transmitido saberes e conhecimentos que ainda são desconhecidos pela sociedade, mas que existem, são concretos, históricos e pertencem a esses povos que habitam a região do Baixo Amazonas. Tais conhecimentos se apresentam num formato de “dom” e de “saberes tradicionais”, são transmitidos de geração a geração, de pai para filho, trazidos na bagagem genética e cultural de seus antepassados, na linguagem oral ou pela prática embasada nas experiências do universo simbólico dos “mais velhos”.

Os instrumentos dessa rede de comunicação se processam na forma de benzições, puxações, histórias, crenças, remédios com plantas, festas, na linguagem, entre outras. Todas alinhadas a necessidade e a especificidade daquele povo, para permitir que sua voz seja audível, ouvida, expressada e seus filhos e netos se tonem protagonistas na reprodução social, cultural de suas tradições. É nesta perspectiva que nos embasamos na folkcomunicação, a qual está voltada para “[...] o desenvolvimento regional, a inclusão e transformação social, ou seja, como ressalta Amphilo (2011, p. 9), para a compreensão das mensagens populares e a promoção da integração e da paz social”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Georgio Ítalo. Dos Relatórios Provinciais à Polifonia dos Moradores do Quilombo de Santa Tereza do Matupiri-Andirá/Am, Norte do Brasil.

História & Perspectivas, Uberlândia (59); 36-55, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n59p36-55>. Acesso em: 01 jun. 2021.

AMPHILO. M. I. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENTLEY, E. **O Livro Essencial de Massagem**. 1. Ed. São Paulo: Manole, 2006

GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (org.). **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019. 356p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 333 de 806



MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular**. São Paulo: Paulus, 2008.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação – a mídia dos excluídos**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007. 114p.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de estudo da Religião**. PUC São Paulo, nº2, 2004 p.1-14. ISSN 1677-1222. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOUZA, N. D. O processo de Urbanização da Cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação. **Tese de Doutorado**, Versão Revisada, São Paulo, 2013.

SOUZA, Nilciana Dinely de. O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação. **Tese de Doutorado em Geografia**, Universidade de São Paulo – USP, 2013.